



I ACTO

(voz-off)

A audiência, ainda anestesiada pelos aplausos, deslumbrada pela breve história dos seus momentos de rebelião, talvez até motivada pela possibilidade de participar num desses momentos, dirige-se lentamente para aquilo que parece ser uma mandíbula aberta com a altura de um homem.

Este grupo indiscriminado de pessoas ocupa um espaço aberto que se pode caracterizar como estando entre uma peça de teatro e uma exposição de arte contemporânea.

O cenário mimetiza uma galeria modernista, chão em alcatifa vermelha como no teatro, vitrines com material documental perto das coxias, do lado esquerdo e do lado direito. Ao centro, um banco corrido onde jaz um ganso empalhado, um golfinho cor-de-rosa quase camuflado no chão da sala, um cubo de Rubik. Na parte de trás, um plasma com um vídeo em suporte vertical, e uma série de fotografias; numa delas, um microfone alinhado a um rosto. À frente, Beckett, Lorca, Almada. Junto às janelas que dão para o que aparenta ser um jardim público: uma pistola, um macaco, uma mesa espelhada com dois níveis onde se dispõem copos de vidro, como num bolo de casamento, 5 cadeiras armazenadas e cobertas por plástico, uma árvore falante. Oposta a esta ala, a secção de miniaturas: uma maquete de uma cozinha como se fosse uma casinha de bonecas com porcelanas miniatura de chinês, mais uma câmpanula com uma vespa e um sidecar de brincar, e dois livros à escala real de "Dom Quixote". Distribuídas pelo espaço, quatro peças em seda natural de cores variadas. Nas traseiras e no exterior, um telão com um padrão de Torre Eiffel e uma menção a Linda de Suza.

Uma luz começa lentamente a definir-se e desenha uma circunferência à volta da audiência, na boca de cena, à frente da outra bocarra, "Mandíbula", 2018, de André e. Teodósio, Bruno Bogarim e Joana Sousa, objecto cenográfico do espectáculo "Jangal" do Teatro Praga, 190 x 190 cm, Colecção Teatro Praga.

(fichas técnicas das obras lidas como as letrinhas pequenas nos anúncios de rádio a bancos, seguradoras e farmacêuticas)

Um outro foco de luz, como uma lanterna na cabeça de um mineiro, muito ténue, suficiente para permitir a leitura de um texto num conjunto de folhas de papel, define o lugar do Ponto.

Um terceiro foco de luz, primeiro ténue, depois bastante impressivo, define um círculo a cheio insinuando a presença de uma figura isolada no palco. Aspas posiciona-se no centro da Audiência. Tem sobre si o estatuto e privilégio da centralidade. É o ponto de fuga de todos os olhares do público e isso deixa-o visivelmente satisfeito. Vai olhando para alguns elementos da Audiência, espera por uma ou outra troca de olhares, por uma expressão particular. Com a segurança que julga ter alcançado, com a confiança que visivelmente lhe depositaram, com a credibilidade que lhe reconhecem, com o seu tempo, com todo o tempo do mundo, começa a "visita".

• (ponto) «» (aspas)

Muito boa tarde. *(pausa enquanto sorri para o público serenamente)* Vamos dar início a esta "visita guiada" *(enquanto faz gesto com as mãos simbolizando aspas)* pela exposição **A oficina de pintura encarregar-se-á das partes pintadas do cenário (125 Anos São Luiz)** com curadoria de Susana Pomba. A traços largos, como se costuma dizer, e neste contexto calha mesmo bem dizê-lo, esta exposição revela-nos uma verdadeira tragédia. Não é mais que uma colectânea de artistas a fugir do *white cube*, a entrar na *red carpet* e, ainda inebriados pelo calor dos aplausos, zás... de novo no *white cube*, banhados pela luz que emana das vidraças e pela transparência de uma galeria modernista.

Muitas vezes os princípios desejam outros princípios. Começar de outra forma. E o que presenciamos neste momento não é excepção. Entretanto, com este artifício, já se começou.

O que as pessoas precisam na vida, como de pão para a boca, é de orientação. Visitamos uma coisa e somos guiados, que melhor princípio para este fim de tarde poderemos querer.

Quisemos todos vir, não é? Então vamos? Vamos...

(voz-off)

Aspas começa a andar, 5 passos decididos. Os 3 focos de luz extinguem-se ao mesmo tempo, repentinamente.

II ACTO

(voz-off)

Aspas, ponto e audiência estão agora junto a três vitrines do lado esquerdo da galeria, uma delas, com um figurino da personagem Almada Negreiros usado por Diogo Bento no espectáculo "Xtraordinário" do Teatro Praga e o livro "Recordações d'uma Colonial (Memórias da Preta Fernanda)", edição de A. Totta & F. Machado, Oficina de Ilustração Portuguesa, 1912, Lisboa. Cópia gentilmente cedida por André e. Teodósio. Na parede, "Samuel Beckett", um desenho de Júlio Pomar, 1987, Marcador sobre papel vegetal, 110 x 70 cm, Cortesia Fundação Júlio Pomar, e uma fotografia de João Pedro Vale & Nuno Alexandre Ferreira, com o título "Imagem para cartaz", 2017, espectáculo "Palhaço Rico Fode Palhaço Pobre", 150 x 100 cm, Cortesia dos artistas. As luzes voltam a acender-se, as formas a definir-se.

• (ponto) «» (aspas)

Antes de começar esta "visita", não queria deixar de vos colocar algumas questões.

Por que é que vamos a visitas guiadas? Para sair da rotina ou entrar na vida dos outros? É medo de ficarmos sozinhos perante uma obra? É vontade de formar mais uma tribo temporária? É mais ou menos como no teatro? Para nos transformarmos em espectadores? Em caríssimos ouvintes?

E quando olham para uma coisa conseguem só ver essa coisa? Precisam de alguém que vos confirme que o que estão a ver é mesmo o que estão a ver? De uma explicação coerente, que vos faça acreditar? De uma explicação que explique as forças que governam outras forças que por sua vez governam outras que finalmente nos levam às formas? A estas formas? *(aponta para alguns dos objectos presentes na exposição, aqueles que lbe estão mais próximos)*

Serei iluminado? O que é que eu posso saber que vocês ainda não saibam? Quem sou eu para cumprir mais este modelo inovador da nova economia cultural?

Aproveitemos o *flow* da oportunidade: vocês querem alguém que vos guie, eu quero mesmo guiar-vos. We have a deal!

Uma história está sempre entre factos e propaganda. Esta não é excepção. Vamos revelar as fraquezas dos heróis canónicos vs. as proezas dos anónimos. Lembrar que a História é apenas conhecimento acumulado, por vezes muito mal arrumado, muito mal limpo, a cheirar a arsénico, bolor, naftalina, humidade, como quem varre tudo para debaixo do tapete. Vamos desfazer obras de arte totais. Descobrir trilhos de cumplicidades. Olhar "olhos nos olhos" para o absurdo.

(voz-off)

Silêncio prolongado. Aspas olha novamente para a audiência. Esboça um sorriso e começa a andar. Seguem-no Ponto e Audiência que percorrem a galeria enquanto se dirigem para um cubo de Rubik gigante no centro da sala. Os dois focos de luz lentamente desaparecem.

III ACTO

(voz-off)

Subida de luz sobre Aspas, agora mais ligeira, apenas o suficiente para que Ponto consiga ler. Foco novamente sobre a Audiência, mas desta vez em forma de quadrado. Aspas tem à sua esquerda um cubo de Rubik, obra de João Pedro Vale & Nuno Alexandre Ferreira, "Objecto cenográfico" do espectáculo "Filhos das Mães" de Martim Pedroso, 180cm x 180cm x 180cm, cortesia dos artistas e à sua direita uma câpanula com uma miniatura de Vespa e side-car acompanhada por dois livros à escala real, de Miguel Palma, "3º Livro", 2011, volume I e II de "D. Quichote de La Mancha" de Miguel de Cervantes, Porto, Ed. 1876, ilustrado por Gustave Doré e miniatura de moto vespa branca com sidecar, 90 x 50 x 30 cm, Colecção blablaLab, Associação Cultural Internacional. Ponto ao lado de Aspas, vai sussurrando texto discretamente, como é seu apanágio.

• (ponto) «» (aspas)

É da natureza humana colocar-se no meio das coisas. Não a contrariemos e fiquemos por aqui no meio destas.

De acordo com a wikipedia, um motor de dois tempos, é um motor simples de combustão interna. No primeiro tempo, uma mistura de combustível e ar é aspirada para a primeira câmara do motor. Esta mistura é depois empurrada para uma câmara de compressão. Um pistão em movimento ascendente, comprime a mistura. Uma vela produz uma faísca: a mistura comprimida inflama e cria uma explosão. A pressão empurra o pistão para baixo com força. A força da explosão é tão forte que abre novamente as entradas do motor. A mistura entra. Repete-se o ciclo.

Encontramos motores de dois tempos nos famosos Trabant da ex-RDA e nas Vespas. É o motor de veículos cool, intemporais.

Outros motores famosos são os chamados motores monofásicos de dois cavalos. Também em "Dom Quixote de La Mancha", de Cervantes, encontramos 2 personagens esquecidos, subvalorizados: um cavalo e um burro.

"A liberdade, Sancho, não é um pedaço de pão.", disse-nos Dom Quixote. Acrescentamos nós: o tempo, ainda menos. É aquilo que precisamos, como de pão para a boca. Não estivéssemos nós no tempo do *now*, do *live*, do *go-go-go*, do *been-there-done-that-take-a-picture-and-now-post-it-fast-o'fast-no-matter-what*, do *instagram-à-porter* onde todos somos felizes; no tempo dos *loops*, das retromanias, dos revivalismos, dos revisionismos, das reciclagens, dos *reboots*, do "no future" como dizia a rapaziada das Pistolas Sexuais, do caldo Knorr cultural, do saco-azul para todas e todos, do eterno pé-de-meia para chegarmos a 1% para a Cultura.

Nos antípodas das ninharias, construir coisas grandes foi sempre coisa para quem tem muito tempo para gastar. O maior cubo de Rubik tem três por três metros e está inscrito no Guinness. Nesta história, SeungBeom Cho é o homem mais rápido: 5 segundos e é o bastante para resolver o problema.

Voltando ao aqui e ao agora, estamos diante de um Cubo de Rubik que entrou numa peça sobre a coisa maior que é o amor de mãe. Não há muito mais que se possa dizer para qualificar este objecto. É grande, ponto. Por isso não funciona, é óbvio.

(voz-off)

Aspas induz a direcção de marcha da audiência para a direita, começando novamente a caminhar. Ponto segue-o. A Audiência também. As luzes desfazem-se como de costume.

IV ACTO

(voz-off)

Aspas de costas para a audiência diante de 5 cadeiras empilhadas, de André Guedes, elementos cenográficos de "A Dama das Camélias", com encenação de Miguel Loureiro, 2019, 5 cadeiras (primeira metade do séc. XX) do São Luiz Teatro Municipal, cobertas com película plástica protectora, 82 x 45 x 38 cm (cada), Cortesia do artista e do São Luiz Teatro Municipal. Decidido, reinicia a "visita", desta vez com a entoação de um contador de anedotas.

• (ponto) «» (aspas)

5 homens encontraram-se num bar. Um deles precisava urgentemente de um casaco para ir a uma entrevista de emprego. Um dos outros dá-lhe o número de telefone do seu alfaiate. Os outros três estão nesta história para que fiquem calados. É fundamental ter quem nos oiça.

(voz-off)

Focos de luz a meio termo, para que se garanta que ainda assim os olhos consigam ver no escuro os contornos das formas, enquanto a Audiência reinicia a marcha, arrastando os pés, visivelmente cansada. Ponto e Aspas partem antes e chegam primeiro ao próximo destino.

V ACTO

(voz-off)

Foco mais impressionante acende-se bruscamente sobre Aspas e uma árvore de plástico, a obra "Boggle Eyed Tree", 2018, de André e. Teodósio, Bruno Bogarim e Joana Sousa, objecto cenográfico do espectáculo "Jangal" do Teatro Praga, 200 x 75 cm, Colecção Teatro Praga. Durante 10 segundos, ouvimos apenas a árvore com olhos falar. Em resposta, Aspas descreve o mais detalhadamente possível o que se encontra à sua frente, incluindo a Audiência, num momento de improviso. Ponto interrompe e inicia a tarefa do costume. Aspas coloca auricular e restante aparato técnico para escutar Ponto à distância.

- (ponto) «» (aspas)

A maior parte dos animais tem dois olhos. Esta árvore não é excepção, embora não seja um animal. Minudências.

Cataract, livro que John Berger escreve em 2011, começa com um enunciado que o autor traça para si mesmo enquanto recupera de uma operação às cataratas: "I play, looking at an object and then closing first my left eye, then the right. The two visions are distinctly different. Define the difference(s)."

Enquanto o olho esquerdo, recentemente intervencionado, via a realidade a três dimensões, a luz com vivacidade, os objectos banhados por essa luz, o direito, onde ainda persistia uma catarata, possibilitava-lhe ver como "se estivesse sempre no interior de uma casa pouco iluminada". Olho esquerdo e olho direito viam duas realidades distintas.

Qualquer fã de Berger elogia-lhe o facto de, em 1962, trocar a realidade londrina pelos campos franceses e começar uma vida entre o camponês e o intelectual. Por essa altura, as árvores falavam-lhe aos ouvidos.

Quando o primeiro homem inventou a linguagem, novas palavras apareciam por entre as não-palavras e as árvores da floresta, por pura necessidade. Era uma questão de vida ou de morte. Depois, as palavras tiveram que ser escritas, por causa da memória das pessoas e das coisas e tal.

Depois, para manter viva a ideia de que as palavras escritas são coisas faladas pelo seu leitor, inventaram-se os sinais ortográficos. Coisas mai' lindas os sinais ortográficos. Dizem as boas-maneiras que quem escreve bem usa-as com parcimónia. Um texto cheio de vírgulas é coisa de amador. Um texto sem vírgulas, coisa de Nobel.

Os meus sinais preferidos são as aspas. Assim de repente podemos colocar no meio de nós quem quisermos. Coisas super-interessantes: as aspas aparecem sempre no plural. São "*pluralia tantum*", como dizem os linguistas em latim, porque gostam de companhia tal como as "férias", as "núpcias", as "cuecas", os "óculos". Existem 3 tipos, a saber:

- 1) as aspas simples (*reforçar com gesto equivalente*);
- 2) as aspas duplas, elevadas, altas ou inglesas (*reforçar com gesto equivalente*);
- 3) as aspas em linha, também conhecidas como aspas latinas, alemãs ou francesas (*reforçar com gesto equivalente*).

Todas diferentes, todas iguais.

As aspas não são consensuais e é por isso que as amo. Há quem lhes chame uma praga. Destroem a ironia na ironia, servem os hipócritas e a ambiguidade, disfarçam o que não se consegue dizer frontalmente.

As palavras que não se podem dizer, as malcriadas, são tão boas quanto as outras. Podemos sempre colocares-lhe aspas, assegurar que são de outro, e dizê-las "porra"... São nossas, "carago".

(voz-off)

As luzes desta vez não se apagam. Aspas termina o seu discurso com emoção e dirige-se novamente para a entrada. A audiência, fiel e novamente com ânimo, visivelmente entusiasmada por este último momento, segue-o, como sempre. É o climax! O Ponto, camuflado na audiência, acompanha o grupo serenamente. Aí permanece excepcionalmente durante o próximo acto.

VI ACTO

(voz-off)

Aspas encontra-se do lado esquerdo de uma pistola planificada como nos desenhos animados, a obra "Hand Luggage", de Isaque Pinheiro, 2009, Granito e papel, 58x85x3cm, Cortesia do artista, imagem utilizada pela companhia Mala Voadora para divulgação e convite do espectáculo "Hamlet" de William Shakespeare. Aspas diz o texto, pela única vez, sem ajuda do Ponto.

«» (aspas)

Todas as obras, todos estes objectos mostram-nos que o teatro mente. A audiência não chora, a audiência só quer ver chorar. A audiência vai ficando. Dava jeito, agora, uma tragédia. (Som de pistola a disparar)

(voz-off)

Aspas, Ponto e Audiência voltam ao ponto de origem, ao fosso de orquestra.

ÚLTIMO ACTO

(voz-off)

Audiência está agora a três passos de distância de uma fotografia de uma audiência, "Público incondicional" de Javier Núñez Gasco, 2010, impressão digital lambda sobre poliéster mate, 124 x 150 cm, Coleção Teatro Praga, fotografia registada na estreia de "Turbo Folk", 2008, espectáculo do Teatro Praga. A Audiência de pé, observa a audiência sentada enquanto procura a excepção à sua regra, e revisita a sua condição momentânea. Surpreendida, visivelmente comovida, a Audiência de pé encontra uma figura enigmática que está também em pé no meio da audiência sentada. Reconhece-se e neste momento constrói o seu final feliz. Ponto dirige as suas últimas palavras, no exacto tom em que dirigiu as primeiras.

• (ponto) «» (aspas)

Um escritor teimou guardar os seus escritos na gaveta. Vai daí alguém não aguentou e arrombou-lhe a porta de casa. Procurou por todo lado e lá abriu a gaveta. Publicou cerca de mil páginas de rajada, com o título "O essencial da escrita de x". Convocou os melhores intelectuais da cidade para o lançamento. Jantou com os mais conceituados críticos. Não convidou o autor. O livro vendeu dois exemplares: um, à mãe do editor, outro, à mãe do autor.

Acabámos o nosso Tempo. A Torre de Babel ainda está a ruir, "a Biblioteca de Alexandria ainda está a arder". Deve estar quase a acabar, está a acabar, acabou, está acabado.

(voz-off)

O pano desce, a audiência aplaude, seguindo depois o seu destino. A iluminação extingue-se lentamente. Os funcionários da Galeria Quadrup procuram por objectos esquecidos e fecham as portas.